

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

KÁSSIA NEVES MONTEIRO

## Memorial de Projeto de Pesquisa

O Crônico: a elaboração da crônica na  
fronteira entre jornalismo e literatura

Disciplina: Projeto final em Jornalismo  
Orientador: Prof. Dr. Sérgio Araújo de Sá

Brasília  
2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

KÁSSIA NEVES MONTEIRO

## Memorial de Projeto de Pesquisa

O Crônico: a elaboração da crônica na  
fronteira entre jornalismo e literatura

Memorial referente a projeto experimental  
apresentado ao curso de Comunicação Social  
da Faculdade de Comunicação da  
Universidade de Brasília como  
componente parcial para obtenção  
do título de Bacharel em  
Comunicação Social – Jornalismo.  
Orientador: Prof. Dr. Sérgio Araújo de Sá.

Brasília  
2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

KÁSSIA NEVES MONTEIRO

MEMORIAL DE PROJETO DE PESQUISA  
O CRÔNICO: A ELABORAÇÃO DA CRÔNICA NA  
FRONTEIRA ENTRE JORNALISMO E LITERATURA

Memorial referente a projeto experimental apresentado ao curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como componente parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

---

Orientador  
Prof. Dr. Sérgio Araújo de Sá (FAC/UnB)

---

Examinadora  
Prof. Dra. Zélia Leal Adghimi (FAC/UnB)

---

Examinador  
Mestre em Comunicação Rogério Mozart dy la Fuente Gonçalves (SECS/Senado Federal)

Brasília, 17 de fevereiro de 2013

**“E a crônica tem uma vantagem sobre tudo e todos: tudo dá crônica. Tudo. E sua característica: quanto mais você escreve sobre o nada, mais você atinge o tudo.”**

**Mario Prata**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais e a todos os que me ajudaram a concluir este trabalho. Vocês sabem quem são.

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo a produção de um livro de crônicas como forma de estudar a crônica como um híbrido entre jornalismo e literatura, estabelecer as fronteiras que separam um fazer do outro e alcançar, por fim, maior conhecimento na área do jornalismo opinativo. A produção das crônicas pretende alinhar-se à ideia de prevalência da referencialidade proposta por Antônio Dimas. Para que tal fim seja alcançado, faz-se necessário discutir os conceitos de jornalismo e literatura, estudar o fazer da crônica e praticar a escrita do gênero.

Palavras-chave: crônica, literatura, hibridismo, jornalismo opinativo.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução .....</b>	<b>8</b>
<b>2. Problema de pesquisa .....</b>	<b>10</b>
<b>3. Justificativa .....</b>	<b>11</b>
<b>4. Objetivos .....</b>	<b>12</b>
<b>5. Referencial teórico .....</b>	<b>13</b>
5.1 Referências sobre jornalismo e literatura.....	13
5.2 Referências sobre a crônica .....	18
<b>6. Metodologia.....</b>	<b>26</b>
<b>7. Considerações finais.....</b>	<b>29</b>
<b>8. Referências bibliográficas.....</b>	<b>31</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>33</b>

# 1. INTRODUÇÃO

O jornalista é um contador de histórias. Relata os acontecimentos do cotidiano, mas não se limita a isto. Também os analisa, interpreta-os, opina sobre eles. E, ao fazê-lo, trabalha, molda a palavra. Até que ponto esta escrita do presente contém elementos literários?

Neste trabalho, uma das preocupações é diferenciar jornalismo de literatura, individualizando-os como campos autônomos. Dentro do âmbito do jornalismo, a ideia é estudar o exercício da opinião, destacada na figura da crônica. Mais especificamente, realizar o estudo da crônica enquanto expressão do jornalismo opinativo.

Para alcançar tal objetivo, além da pesquisa teórica, houve um processo empírico. Por meio da escrita de um livro de crônicas, procurei entender como se dá, na prática, a relação entre o jornalismo e a literatura, e como expressar minha opinião dentro deste gênero tão controverso que é a crônica.

Anteriormente à montagem do livro, as crônicas foram postadas em um blog na internet, permitindo interação direta com o leitor, o qual tinha a possibilidade de dar notas para os textos e fazer comentários sobre eles. A experiência foi enriquecedora, pois permitiu não somente a emissão das minhas opiniões, mas também a das outras pessoas e a troca de ideias.

No decorrer deste trabalho, por meio da análise de estudos anteriores e da minha experiência com o livro, procuro entender a crônica como um gênero híbrido, com características tanto do jornalismo quanto da literatura, e que pode tender mais para um ou para outro. Quando possa ser enquadrada no âmbito do jornalismo, meu juízo é que deva ser vista sob a óptica do jornalismo opinativo. Para chegar a tais conclusões, foi preciso compreender a corda bamba sobre a qual a crônica se equilibra, ora com pontadas de lirismo, ora com a atualidade, a referencialidade e a análise típicas do jornalismo.

A verdade, porém, é que a crônica é uma renegada. Embora estudiosos de jornalismo e de literatura procurem analisá-la em seus respectivos campos de conhecimento, em nenhum dos dois casos ela é levada muito a sério. Na literatura, frequentemente é considerada um gênero menor, incapaz de alcançar os níveis de complexidade e profundidade de um conto, por exemplo. Tanto é que o teórico Antonio Candido chega a afirmar que “nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse”.<sup>1</sup> No jornalismo,

---

<sup>1</sup> CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”. In: *Para gostar de ler*. Vol. V, Crônicas, São Paulo, Ática, 1980, p. 5.

por não tratar o cotidiano com a mesma seriedade das notícias e das reportagens, a crônica acaba relegada a um segundo plano.

É, portanto, no leitor que ela encontra sua legitimidade. Seja nos livros ou nos jornais, a crônica é um dos gêneros mais lidos no Brasil. Ágil, leve e muitas vezes divertida, caiu de tal forma no gosto de autores e leitores que alguns teóricos chegam a afirmar que se trate de um gênero tipicamente brasileiro.

Estas e outras questões serão discutidas ao longo deste trabalho, que busca analisar, portanto, a inserção da crônica como gênero híbrido entre jornalismo e literatura, podendo tender mais a um ou a outro conforme escolhas feitas pelo autor.

## 2. PROBLEMA DE PESQUISA

Literatura? Jornalismo? Algo independente de classificações? Um hipergênero? Afinal, o que seria a crônica? A inquietação acerca deste tema motivou minha pesquisa, que procurou analisar as categorizações já propostas e, por meio de teoria e experimentação, chegar a uma ideia própria acerca das questões que envolvem a crônica.

A primeira questão relacionada ao debate é se devemos enquadrar a crônica no âmbito do jornalismo ou da literatura. Mas será que a crônica é mesmo algo que deva pertencer a um ou outro universo?

De minha parte, há preferência por um não-engessamento, por rejeitar definições verticalizadas e privilegiar tendências que levem em conta as diversas nuances da crônica, caso a caso. Existem, a meu ver, crônicas mais literárias e crônicas que, apesar de poderem ser inseridas no universo da literatura, pendem para o jornalismo. Como diferenciá-las?

Fez-se necessário então estudar as diferenças entre o jornalismo e a literatura, considerando suas características, funções e intenções. Em cada crônica que se lê, é preciso analisar estes três pontos a fim de determinar se o texto se enquadra em uma ou outra categoria.

Em suma, a questão é procurar entender a crônica como uma das formas de intersecção entre jornalismo e literatura, com características tanto de um quanto de outro, um gênero híbrido que expressa a opinião e a subjetividade de seu autor.

### 3. JUSTIFICATIVA

Apesar de antiga e muito praticada, tendo sua origem ligada à do próprio jornalismo, a crônica parece ainda não ter encontrado o seu lugar. Vítima de um cabo de guerra entre jornalismo e literatura, ela é como uma adolescente que não consegue ser compreendida e nem compreende a si mesma em sua totalidade. Varia conforme as circunstâncias, em um dia falando de borboletas, no outro, irônica e mordaz. Mas nunca tão profunda como acha que é e nem tão rala como dizem. Tentar entender esta adolescente rebelde, lançar novo fôlego sobre a discussão, é um dos motivos que justificam este trabalho.

Além disso, o estudo dos gêneros jornalísticos é um dos que mais carece de visibilidade no campo da comunicação. Embora os estudos na área sejam antigos, não estão no centro dos debates hoje em dia. Poucos foram e são os autores, especialmente no Brasil, que se dedicaram a pesquisar as idiosincrasias dos gêneros e a entender como eles influenciam o fazer jornalístico. Portanto, a presente pesquisa traz à tona um debate essencial, embora muitas vezes esquecido.

O trabalho é, ainda, uma oportunidade de conhecer o leitor e encontrar a melhor forma de estabelecer uma conexão com ele, já que envolve a publicação do blog “As crônicas de Kássia”<sup>2</sup>, onde é possível a interação direta. Além de conhecer o leitor, é uma oportunidade de exercitar a opinião e de mesclar a escrita jornalística, inspirada em fatos do cotidiano e embasada em valores-notícia, ao lirismo da literatura, o que muito me atrai, pois sempre tive na literatura um dos meus maiores prazeres.

---

<sup>2</sup> O endereço completo do blog é [www.ascronicasdekassia.blogspot.com.br](http://www.ascronicasdekassia.blogspot.com.br)

## 4. OBJETIVOS

### 4.1 Geral

O principal objetivo deste trabalho é a produção do livro “O Crônico”, uma compilação de crônicas escritas por mim como forma de tentar compreender as diferenças entre a literatura propriamente dita e a literariedade que pode estar presente no jornalismo opinativo, representado na figura da crônica. Para marcar ainda mais o hibridismo, a diagramação do livro lembra a de um jornal, substituindo capítulos por editoriais e a diagramação comum, em alguns casos, pela divisão em duas colunas.

### 4.2 Específicos

- 4.2.1 Entender a diferença entre o jornalismo opinativo, com foco na crônica, e a literatura;
- 4.2.2 Desenvolver a prática da opinião no jornalismo por meio da elaboração de um livro de crônicas;
- 4.2.3 Contribuir para um maior entendimento sobre a crônica e para os estudos no campo dos gêneros jornalísticos.

## 5. REFERENCIAL TEÓRICO

Para tratar um assunto de forma satisfatória, é preciso primeiro conceituá-lo, saber sobre o que se está falando. Deste modo, senti a necessidade de discutir, antes de tudo, em que consistiam as duas áreas pelas quais eu pretendia me aventurar.

Como praticamente todos os conceitos abstratos, os de literatura e jornalismo não são fáceis de definir. A discussão sobre os campos, no entanto, é inevitável em um trabalho que se propõe a analisar as fronteiras entre um e outro.

Foi também necessário pensar as classificações do jornalismo e as características de cada uma delas, para poder inserir a crônica dentro de um grupo específico do jornalismo: o opinativo.

### 5.1 Referências sobre jornalismo e literatura

A literatura é uma das mais antigas formas de expressão humana. Seu estudo remete aos gregos e romanos, os primeiros a tentar entender o fenômeno da comunicação pela escrita. No entanto, ambos admitiam dificuldades para encontrar um termo geral para a chamada “arte da palavra”, estando a *litteratura* latina e a *gramamatiké* grega ligadas apenas à leitura e à escrita.

Esta ideia de literatura se manteve por muito tempo. Somente no começo do século XVIII surgiram concepções que aprofundavam o estudo e levavam em conta conceitos mais diversos. A respeito dos movimentos desta época, o teórico português Vitor Manuel Aguiar e Silva afirma, em sua obra *Teoria da literatura*, que:

(...) assiste-se a um largo movimento de valorização de gêneros literários em prosa, desde o romance até o jornalismo, tornando-se necessária, por conseguinte, uma designação genérica capaz de abarcar todas as manifestações da arte de escrever. Essa designação genérica foi *litteratura*. (SILVA, 1976: 23)

O termo literatura se firma, então, como algo além do pragmatismo da leitura e da escrita. Não é apenas o ato de decodificar letras: literatura é a própria arte da palavra. Segundo Hênio Tavares, em *Teoria literária*, podemos entender o que é Arte em um sentido filosófico e estético: “Arte é superior forma do conhecimento intuitivo. É a representação sensível da beleza, através da intuição” (TAVARES, 1991: 17).

E a literatura como arte é o que defende outro teórico, Afrânio Coutinho, em *Introdução à literatura no Brasil*:

A literatura é uma arte, a arte da palavra, isto é, um produto da imaginação criadora, cujo meio específico é a palavra, e cuja finalidade é despertar no leitor ou ouvinte o prazer estético. Tem, portanto, um valor em si, e um objetivo, que não seria de comunicar ou servir de instrumento a outros valores – políticos, religiosos, morais, filosóficos. Dotada de uma composição específica, que elementos intrínsecos lhe fornecem, tem um desenvolvimento autônomo. (COUTINHO, 1995: 61)

Alceu Amoroso Lima, em *O jornalismo como gênero literário*, também destaca a importância da *palavra* para a literatura. Para ele, é ela a grande especificidade da literatura em relação às outras artes, sendo toda arte a transformação de um meio em um fim. Desta forma, Lima defende que a palavra, em literatura, deve ser um fim em si própria:

Literatura, nessa concepção, é toda expressão verbal com ênfase nos meios de expressão. Expressão verbal, antes de tudo, pois a palavra é a diferença específica da literatura entre as outras artes. Mas a palavra com valor de fim e não apenas com valor de meio. (LIMA, 1990: 34)

Para Alceu Amoroso Lima, então, a Literatura difere, por exemplo, da História e da Filosofia. Embora estas também se utilizem da palavra, não encontram nela um fim, mas um meio de expressão. A literatura, porém, não se restringiria a um fim meramente estético, como poderiam apontar determinadas correntes de pensamento. Para o autor, a literatura vai além:

Sou dos que consideram a literatura como arte da palavra. Mas como arte da palavra compreendida no sentido do senso comum, isto é, da expressão verbal com ênfase nos meios e não com exclusão dos fins. A literatura não substitui os fins pelos meios, como quer essa concepção purista e extremada. Ela faz dos meios um fim, mas sem excluir outros fins. Assim é que a literatura não exclui nem a verdade, nem o bem, nem a história, nem a autobiografia, nem a filosofia, nem as ciências, nada. Tudo é literatura desde que no seu meio de expressão, a palavra, haja uma acentuação, uma ênfase no próprio meio de expressão, que é o seu valor de beleza. (LIMA, 1990: 37)

E, se tudo o que acentua a palavra como valor de beleza pode ser considerado literatura, Lima arrisca incluir no hall de obras literárias o produto do trabalho jornalístico. No entanto, o autor frisa que nem todo produto jornalístico poderia ser considerado literatura. Sobre o jornalismo, afirma:

É um meio de comunicação verbal. Logo possui o elemento diferencial que o torna apto a ingressar ou não no campo das letras. Trata-se de saber então o modo como

emprega esse meio de comunicação. Sempre que o empregar como puro meio de alcançar um fim alheio, não será literatura. (LIMA, 1990: 37)

Antônio Olinto, outro teórico que debateu as fronteiras entre jornalismo e literatura, também defende a ideia de que o jornalismo possa ser visto como “uma forma de literatura”, logo, capaz de produzir obras de arte:

O jornalismo já foi chamado de “literatura sob pressão”. Pressão do tempo e pressão do espaço. Em todo o mundo, a cada instante, os cultores desse tipo de literatura lançam palavras sobre o papel, com a preocupação do tempo que passa e do espaço que é limitado. As frases ajustam-se a um tamanho, o pensamento é obrigado a trabalhar depressa. Contudo, por maior que seja esta pressão, o jornalismo tem, fundamentalmente, as mesmas possibilidades que a literatura, de produzir obras de arte. (OLINTO, 1955: 3)

Apesar de incluírem o jornalismo no âmbito da literatura, Antônio Olinto e Alceu Amoroso Lima concordam em um ponto fundamental: nem tudo o que é jornalístico é literário. Lima chega a afirmar com todas as letras: “o jornalismo não é literatura pura” (LIMA, 1990: 38). Para ele, o *mau jornalismo*, ou seja, aquele que utiliza a palavra como um meio, que a trata com valor utilitário, não é arte.

Ora, apresenta-se então uma questão matemática. Se jornalismo e literatura não têm uma intersecção total, parece óbvio pensar que não se tratam de um só, mas de campos distintos que se entrelaçam em determinados pontos. Nilson Lage, em *Linguagem jornalística*, defende a distinção entre os campos:

O jornalismo não é, porém, um gênero literário a mais. Se, na literatura, a forma é compreendida como portadora, em si, de informação estética, em jornalismo a ênfase desloca-se para os conteúdos, para o que é informado. O jornalismo se propõe a processar informação em escala industrial e para consumo imediato, as variáveis formais devem ser reduzidas, portanto, mais radicalmente do que na literatura. (LAGE, 2008: 47)

Apesar de diferentes, literatura e jornalismo não estão completamente dissociados. As intersecções são garantidas por determinadas convergências entre os dois, a mais destacada delas, o fato de beberem da mesma fonte: a palavra.

Lembre-mos, antes de tudo, de que a base do que faz o jornalista, a matéria prima de que se utiliza, é a palavra. O que serve de caminho para a poesia, transmite também a notícia da morte de uma criança sobre o asfalto. (OLINTO, 1955: 5)

Outro ponto essencial da confluência entre um e outro é a narratividade, ou seja, ambos produzem textos cujos eventos se sucedem ao longo do tempo. É o que afirma o autor

Marcelo Bulhões em seu livro *Jornalismo e literatura em convergência* (BULHÕES, 2007: 40). O mesmo diz a estudiosa portuguesa Paula Cristina Lopes no artigo *Linguagem literária e linguagem jornalística: cumplicidades e distâncias*:

Literatura e jornalismo são dois modos de narração paralelos – e, por vezes, convergentes –, cuja coincidência fundamental assenta na utilização da palavra como utensílio de trabalho e da frase como veículo de pensamento. Estas construções narrativas – que estabelecem níveis de significação, veiculam mitos e arquétipos, constroem personagens e imagens, expressam ações e sentimentos – diferenciam-se pela intenção do discurso e convergem num mesmo ponto, o leitor, sempre com um mesmo propósito: comunicar. (LOPES, 2010: 1)

Ambos têm, portanto, a possibilidade de trabalhar a língua de forma a comunicar por meio de histórias. Histórias de acontecimentos e dos personagens envolvidos neles. Nelson Traquina, teórico português, valoriza a ideia de que o jornalismo tenha, entre suas funções, a de contar histórias:

Poder-se-ia dizer que o jornalismo é um conjunto de “estórias”, “estórias” da vida, “estórias” das estrelas, “estórias” de triunfo e tragédia. Será apenas coincidência que os membros da comunidade jornalística se refiram às notícias, a sua principal preocupação, como “estórias”? Os jornalistas veem os acontecimentos como “estória” e as notícias são construídas como “estórias”, como narrativas, que não estão isoladas de “estórias” e narrativas passadas. (...) Poder-se-ia dizer que os jornalistas são modernos contadores de “estórias” da sociedade contemporânea, parte de uma tradição mais longa de contar “estórias”. (TRAQUINA, 2005: 21)

Mas, enquanto a literatura detém liberdade inventiva e pode prescindir da verdade factual, o jornalismo está indissociavelmente conectado ao fato. Além disso, no jornalismo há limitações de linguagem, uma vez que o texto jornalístico se dirige, em geral, a um público médio. É no leitor, aliás, que podemos observar uma grande diferença entre literatura e jornalismo: o pacto de leitura.

Do ponto de vista do leitor, textos literários e jornalísticos se fazem de expectativas. Quando o leitor está diante de um texto jornalístico, ele tem a expectativa de que o que vai ler seja comprovável, verificável. Diante de uma obra literária, ele cumpre o pacto proposto com o autor de que “qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência”. (MARQUES, 2009: 14)

Esta confiabilidade conferida ao texto jornalístico está diretamente ligada às suas características, que o distinguem do discurso literário puro. Clareza, concisão, simplicidade, precisão e brevidade são algumas delas, devidamente elencadas por Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari em *Técnica de redação: o texto nos meios de informação* (SODRÉ E FERRARI, 1978: 14). Estas características se justificam pelo fato de que o texto jornalístico

não se centra na palavra, mas no leitor, buscando permitir a este apreensão direta e máxima da mensagem:

Os textos jornalísticos informativos concordam com valores como a simplicidade, a concisão e a vivacidade, respondem a um imperativo de clareza, de eficácia. O seu estilo é condicionado pelos fins informativos que persegue e pelas exigências do destinatário, o receptor da informação. A mensagem jornalística é, por princípio, referencial ou denotativa. (LOPES, 2010: 2)

*Referencialidade*, esta é uma das palavras-chave do texto jornalístico, e o conceito está ligado às funções que a linguagem pode assumir. Segundo o teórico Roman Jakobson em *Linguística e comunicação*, as funções da linguagem são determinadas pelos componentes da comunicação verbal, a saber: contexto, remetente, mensagem, destinatário, contacto e código.

O REMETENTE envia uma MENSAGEM ao DESTINATÁRIO. Para ser eficaz, a mensagem requer um CONTEXTO a que se refere (ou "referente", em outra nomenclatura algo ambígua), apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um CÓDIGO total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário (ou, em outras palavras, ao codificador e ao decodificador da mensagem); e, finalmente, um CONTACTO, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos a entrarem e permanecerem em comunicação. (JAKOBSON, 1995: 123)

Segundo Jakobson, cada um destes fatores determina uma função da linguagem, respectivamente: emotiva, poética, conativa, referencial, metalinguística e fática. No entanto, conforme explica Samira Chalhub em *Funções da linguagem*, as mensagens podem conter múltiplas funções:

Na comunicação diária, por exemplo, além da referencialidade da linguagem – o que torna a mensagem oral imediatamente compreendida –, há pinceladas de função conativa, ou seja, de diálogo com alguém, ou através de uma ordem, ou através de um narrar, mas, ao mesmo tempo, esse diálogo vem caracterizado por traços emotivos. (CHALHUB, 1990: 8)

Dentre as funções descritas por Jakobson, uma tem especial importância para o jornalismo: a referencial. A função referencial está ligada à ideia de denotação, ou seja, dar à palavra seu sentido literal, sem floreios. Ela é responsável pela transmissão de mensagens de forma definida, clara, sem ambiguidades, e é marcada pelo uso da terceira pessoa. Por seu caráter informativo, é a função que prevalece no jornal.

Outra função que merece destaque é a poética, aquela em que a forma da mensagem predomina sobre o conteúdo informativo. A função poética é típica da literatura

(SODRÉ & FERRARI, 1978: 74). Assim, encontramos na predominância de determinadas funções da linguagem no texto outra diferença entre literatura e jornalismo:

Desse modo, poder-se-ia afirmar que, enquanto no texto jornalístico tradicional predomina a função referencial – ou seja, a ênfase é na informação tout court, desprovida de opinião –, no texto literário “é permitido” valer-se de todas as funções da linguagem. Dizendo de outro modo, a linguagem é literária quando a produção de um texto se abre a todas as possibilidades e a todos os recursos no trabalho com uma determinada língua e, assim, transcende a mera repetição de fórmulas, estereótipos, clichês e frases feitas, comuns a textos jornalísticos e, evidentemente, a (maus) textos literários. (MARQUES, 2009: 19)

Embora sua fala sirva em termos gerais, Marques se refere a uma parte específica do jornalismo, a que se dedica a informar o público. Mas o jornalismo é muito mais do que apenas transmitir uma informação, de forma alguma pode ser restrito à difusão de notícias. É nesse contexto que surge a necessidade de se destringir os gêneros deste enorme campo que é o jornalismo.

## 5.2 Referências sobre a crônica

A palavra crônica tem origem grega. Etimologicamente, vem de *khronos*, que significa *tempo*. Identifica, assim, uma narrativa factual, um relato dos acontecimentos em ordem cronológica. Esta acepção de crônica, no entanto, embora ainda permaneça em alguns países, não é a que floresceu no Brasil.

Segundo o teórico Afrânio Coutinho em *Literatura no Brasil*, a crônica brasileira teria começado em 1852, com Francisco Otaviano de Almeida Rosa e suas publicações no *Jornal do Comércio*. Todavia a palavra *crônica* ainda não dava nome aos textos de Almeida Rosa, pois, recém-chegada da França em meados do século XIX, ela aparece no Brasil com a designação genérica e imprecisa de folhetim (BULHÕES, 2007: 48).

O folhetim daquela época não tinha as mesmas características da crônica de hoje. Tratava-se de uma seção curta do jornal onde se falava de amenidades e onde se faziam comentários breves sobre questões do cotidiano. Era “uma seção de miscelânea, que quebrava a rotina e o estilo pesado do jornal tradicional” (MELO, 2003: 153).

Almeida Rosa foi sucedido por nomes de peso como José de Alencar e Machado de Assis, que começaram a dar contornos mais brasileiros à crônica. O gênero adaptou-se tão

bem ao Brasil que alguns teóricos chegam a afirmar que se possa considerá-la uma expressão tipicamente brasileira. Para Afrânio Coutinho:

Realmente, se algo existe em nossa literatura, que pode ser tomado como exemplo frisante da nossa diferenciação literária e linguística é a crônica. Dificilmente poderá apontar-se coisa parecida, mesmo na literatura portuguesa, a uma crônica de Rubem Braga. (COUTINHO, 1995: 304)

É visão semelhante à de Antonio Candido, segundo quem “no Brasil ela (a crônica) tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu” (CANDIDO, 1980: 6).

Na década de 1930, impulsionada pelo desenvolvimento da imprensa e pela Semana de Arte Moderna, a crônica se aproxima cada vez mais da realidade brasileira e experimenta um grande crescimento. Foi a época que consagrou Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga e outros nomes de destaque.

Para muitos destes autores, escrever para o jornal era um meio de ganhar a vida. A maioria deles também se aventurava na literatura, mas romances e contos não conseguiam gerar a renda de que necessitavam para se manter. E é daí que surge uma das características mais interessantes da crônica: em sua origem, embora publicada em jornais, não era feita por jornalistas, mas por escritores. Pode-se então notar a natureza ambígua deste gênero.

Mas de que se trata, afinal, esta coisa nova e autônoma que é crônica brasileira? Seu aspecto leve foi lembrado por diversos autores, muitos deles consideram-na um descanso das páginas sisudas do jornal. Marcelo Bulhões diz que “com seu tom de conversa fiada, a crônica dá um tempo à fadiga que pesa em cada edição nossa de cada dia” (BULHÕES, 2007: 61). Já Afrânio Coutinho a compara à música de câmara: “No bazar de vociferações que é o jornal, com o escândalo diário de suas manchetes, a crônica de sabor literário é a música de câmara para a qual sempre haverá uma escuta dedicada” (COUTINHO, 1971: 122).

Para além do discurso da frivolidade, as tentativas de conceituação são várias, algumas no terreno da literatura e outras no do jornalismo. Segundo Massaud Moisés, a crônica afastou-se do sentido histórico de documentário que lhe haviam dado os franceses para tornar-se “prosa poética, humor lírico, fantasia” (MOISÉS, 1999: 246). É a poetização do cotidiano, um meio termo entre acontecimento e lirismo.

A definição de Afrânio Coutinho em *Literatura no Brasil* lembra o próprio conceito de literatura como arte da palavra. Para o autor, “a crônica é na essência uma forma

de arte imaginativa, arte da palavra, a que se liga forte dose de lirismo. É um gênero altamente pessoal, uma reação individual, íntima, ante o espetáculo da vida, coisas, seres” (COUTINHO, 1971: 123). Em *Introdução à literatura no Brasil*, Coutinho completa a ideia. Segundo ele, crônicas são “pequenas produções em prosa, de natureza livre, em estilo coloquial, provocadas pela observação dos sucessos cotidianos ou semanais, refletidos através de um temperamento artístico” (COUTINHO, 1995: 306).

Uma definição mais jornalística fica a cargo de José Marques de Melo, para quem a crônica é um “relato poético do real, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária”, ou seja, “uma narrativa circunstanciada sobre os fatos observados pelo jornalista num determinado espaço de tempo” (MELO, 2003: 149).

O que autor nenhum nega é a natureza ambígua da crônica. Embora tendam para definições mais literárias ou mais jornalísticas, a maioria deles faz questão de frisar a zona fronteira em que ela se encontra. Afrânio Coutinho indaga: “Pode-se sustentar que a crônica não pertence à literatura, e sim, ao jornalismo? Não será antes um gênero anfíbio que tanto pode viver na coluna de um jornal como na página de um livro?” (COUTINHO, 1971: 122).

A confusão já começa pelo suporte: tendo nascido atrelada ao jornal, a crônica foi considerada, por conseguinte, um produto jornalístico. Mas Massaud Moisés nos lembra de que coexistem no jornal duas categorias de texto: uma inerente a ele e outra alóctone, estranha ao meio:

Duas categorias, portanto, de texto linguístico se encontram no jornal: o que cumpre as funções de informar os sucessos do dia e o que não se prende, regra geral, ao vaivém cotidiano. Transferindo o foco analítico para o autor do texto, observa-se que uma coisa é escrever *para* o jornal, e outra, bem diversa, publicar *no* jornal. (MOISÉS, 1999: 246)

Segundo o autor, textos escritos *para* o jornal, como o editorial e as notícias, por exemplo, somente cumprem a sua missão neste meio, e ali morrem diariamente ao serem substituídos por outros de igual teor na edição seguinte. Já os textos publicados *no* jornal teriam neste apenas uma forma de divulgação. É o caso de artigos, contos, poemas que eventualmente se veem estampados nas páginas de um jornal, mas que nem por isso perdem sua permanência. Quanto à crônica, especificamente, Moisés afirma:

Ambígua, duma ambiguidade irreduzível, de onde extrai seus defeitos e qualidades, a crônica move-se entre ser *no* e *para* o jornal, uma vez que se destina, inicial e precipuamente, a ser lida no jornal ou revista. Difere, porém, da matéria substancialmente jornalística naquilo em que, apesar de fazer do cotidiano o seu húmus permanente, não visa à mera informação: o seu objetivo, confesso ou não, reside em transcender o dia-a-dia pela universalização de suas virtualidades latentes,

objetivo esse via de regra minimizado pelo jornalista de ofício. (MOISÉS, 1999: 247)

A ideia de transcendência do fato é resgatada por outros autores que defendem a literariedade da crônica. Afrânio Coutinho cita Eduardo Portela, para quem:

o fundamental na crônica é a superação de sua base jornalística e urbana em busca da transcendência, seja construindo “uma vida além da notícia”, seja enriquecendo a notícia “com elementos de tipo psicológico, metafísico”, ou com o *humour*, seja fazendo o “subjetivismo do artista” sobrepor-se “à preocupação objetiva do cronista”. (*apud* COUTINHO, 1971: 123)

Apesar de flertar com a literatura no sentido de ir além do fato, de buscar transcender a efemeridade do acontecimento, a crônica compartilha muitas das características do texto jornalístico. É breve, concisa, trata de temas do cotidiano. Próxima da oralidade, nela não há espaço para o rebuscamento vocabular e sintático que se encontra em um romance ou um conto. Sua linguagem tende a aproximar-se da referencialidade jornalística, embora possa conter, e geralmente contenha, traços da poeticidade literária. Não à toa, José Marques de Melo define o cronista como um mediador literário entre os fatos e a psicologia coletiva:

O cronista que sabe atuar como consciência poética da atualidade é aquele que mantém vivo o interesse do seu público e converte a crônica em algo desejado pelos leitores. Atua como mediador literário entre os fatos que estão acontecendo e a psicologia coletiva. É por isso que muitos cronistas (Drummond em especial) buscam inspiração no próprio jornal. Realizam uma tradução livre da realidade principal, acrescentando ironia e humor à chatice do cotidiano, à dureza do dia-a-dia. (MELO, 2003: 156)

Afrânio Coutinho destaca, ainda, a necessidade de uma linguagem atual e simples:

A crônica deve empregar de preferência a linguagem da atualidade, não evitando de maneira sistemática os idiomatismos, epítetos circunstanciais e certos jogos de palavras que se formam eventualmente para desaparecer algum tempo depois. Sem essa prática, a crônica deixaria de refletir o espírito da época, uma vez que a língua corrente constitui a mais viva expressão da sociedade humana no tempo. A linguagem e, mais especificamente a gíria social, é um tempero importantíssimo na confecção de uma crônica. (...) E, por isso mesmo, o estilo do cronista deve tender para as formas simples e, sobretudo, para o tom comunicativo, de conversa, de bate-papo. Por esse modo haverá sempre a possibilidade de um diálogo mais ou menos permanente entre o cronista e o leitor; caso contrário, os seus comentários e reflexões correrão sempre o risco de perder-se no ar. (COUTINHO, 1971: 121)

E como uma crônica não é igual a outra, mas sempre é possível notar convergências, os teóricos propuseram diferentes formas de agrupá-las. Ficarei com as duas que me parecem mais interessantes: a de Massaud Moisés e a de Antônio Dimas.

Massaud Moisés propõe uma distinção entre crônica-poema e crônica-conto. “Enquanto poesia, a crônica explora a temática do ‘eu’, resulta de o ‘eu’ ser o assunto e o narrador a um só tempo, precisamente como todo ato poético” (MOISÉS, 1999: 251). Já a crônica-conto “prima pela ênfase no ‘não-eu’, no acontecimento que provocou a atenção do escritor”. Moisés aproxima, assim, a crônica da literatura, mas sem afastá-la de sua ligação com o acontecimento, que a relaciona mais ao jornalismo, uma vez que a literatura não tem obrigação nenhuma com fatos.

Moisés reconhece, ainda, a importância do estilo na crônica, e defende que esta possa se aproximar do polo literário ou do polo jornalístico segundo tenda para a referencialidade da prosa jornalística ou para a polissemia da literatura:

O estilo em que se vaza o monodialogo repercute todo o hibridismo da crônica: direto, espontâneo, jornalístico, de imediata apreensão, nem por isso deixa de manusear todo o arsenal metafórico que identifica as obras literárias. Preso ao acontecimento, que lhe serve de motivo e acicate, o cronista não se perde em devaneios. E, invertendo os polos, sua inquietação lírica ancora na realidade do fato real. Acentuado o primeiro polo, o estilo registra a referencialidade da prosa jornalística; emigrando para o segundo, o cronista explora a polissemia da metáfora. Fulcral o balanço entre as duas extremidades, questão de vida ou morte para o cronista, a tal ponto que a crônica repousa exclusivamente no estilo. (MOISÉS, 1999: 256)

A tipologia de Antônio Dimas se aproxima desta visão estilística de Massaud Moisés. Para ele, não se deve falar em divisões rígidas, mas em graus de poeticidade e referencialidade: “Acreditamos que resida exatamente na distinção entre as funções da linguagem, segundo a proposta jakobsoniana, o nó da questão. Isto é, cumpre considerar a primazia de uma ou outra função referencial ou poética – na análise do discurso verbal” (DIMAS, 1974: 48).

Ainda segundo Dimas, se o autor opta pela poeticidade, tomará um estímulo factual e o diluirá inteiramente em uma linguagem remodeladora. Desta forma, o pretexto básico se derrete para dar origem a um *objeto novo*. Neste fazer, o cronista seleciona os dados mais importantes do fato, buscando seu núcleo. E deste processo de  *fusão*  dos elementos estimulantes nasce algo que se abeira da ficção ou até mesmo entra nela. Uma vez livre da circunstancialidade, o texto adquire autonomia e prescinde de informações colaterais para sua elucidação. Faz-se, assim, literatura (DIMAS, 1974: 51).

Mas se o cronista apenas *justapõe* o fato externo à sua fala, se para ele importa somente o desequilíbrio momentâneo, referido ao aqui e agora, então não seria o caso da primazia da poeticidade:

Somos levados, então, a crer que o processo de  *fusão* dos elementos estimulantes liberta a crônica do contingente estreitamente histórico para empurrá-la em direção a um nível menos ou mais intenso de literariedade; enquanto que seu apego a tais contingências, deixando facilmente exposto o estímulo inicial, favorece o emparelhamento ou a  *justaposição* do fato desencadeador à opinião do cronista. E, neste caso, compromete-se a literariedade em benefício da referencialidade. (DIMAS, 1974: 51)

A diferença entre o pensamento de Dimas e Moisés é que este último só vê valor na crônica dita literária, diminuindo a importância daquela que se liga aos fatos, pois, segundo afirma, estará caduca no dia seguinte:

Em toda crônica, por conseguinte, os indícios de reportagem se situam na vizinhança, quando não mescladamente, com os literários; e é a predominância de uns e de outros que fará tombar o texto para o extremo do jornalismo ou da literatura. No primeiro caso, a crônica dura o espaço do jornal, uma vez que se identifica com a matéria jornalística: tal caducidade precoce, além de evidenciar o escasso valor de textos apegados linearmente ao dia-a-dia, resolveria de pronto a questão de saber que crônicas merecem ou não tratamento crítico. (MOISÉS, 1999: 248)

Um exemplo de crônica totalmente dissociada do fato, ou tão fundida a ele que não mais se pode individualizá-lo, é “Bobagem”, de Luis Fernando Verissimo (Anexo I). O texto abusa de recursos literários, chega a usar diálogos, assemelhando-se enormemente a um “mini-conto”. Para o presente trabalho, que inclui a elaboração do livro  *O Crônico*, este tipo de crônica não é tão interessante, pois busco aproximar-me do polo jornalístico. Interessa, sim, a justaposição de Dimas. Tais crônicas se baseiam nos acontecimentos descritos no jornal, são próximas da notícia, têm certo caráter informativo. Não se ignoram nelas, contudo, as qualidades estilísticas que as aproximam da literatura, mas a questão da linguagem não é o principal. Para José Marques de Melo, é ponto pacífico a inserção da crônica na esfera do jornalismo:

Que a crônica é um gênero jornalístico constitui uma questão pacífica. Produto do jornal, porque dele depende para a sua expressão pública, vinculada à atualidade, porque se nutre dos fatos do cotidiano, a crônica preenche as três condições essenciais de qualquer manifestação jornalística: atualidade, oportunidade e difusão coletiva. (MELO, 2003: 160)

Noelma Brocanelli, no ensaio  *A crônica no Correio Paulistano na segunda metade do século XIX*, identifica algumas características da crônica jornalística:

Como grande parte dos textos jornalísticos, o estilo da crônica jornalística deve ser claro, sensível e conciso; revelador de um conteúdo objetivo, de uma mensagem que

comunica. Para isso, são válidos diversos recursos estilísticos: a comparação, a metáfora, a ironia, a hipérbole; mas sempre dentro de uma clareza de comunicação. No entanto, deve-se ter em mente que o objetivo de compreensão é o principal, caso contrário, a crônica torna-se vaga.

A crônica jornalística tem, portanto, muito mais possibilidades do que a mera transmissão seca de informações. Não se restringe aos valores-notícia comuns, ao contrário, subverte-os. Busca no corriqueiro uma forma de tratar a realidade com lirismo, humor, metáforas, mas nunca chega a se distanciar completamente do fato, da importância do acontecimento. Yolanda Maria Muniz Tuzino destaca, em *Crônica: uma intersecção entre o jornalismo e literatura*, essa importância como fator de informação e opinião:

Através da Crônica o leitor dos jornais impressos pode tomar conhecimento dos fatos, informar-se do que acontece na atualidade e, ao mesmo, receber uma leitura de mundo; um posicionamento explícito de como o autor da Crônica compreende e relata tais fatos. A opinião presente no ato de informar, somada às possibilidades criativas próprias da Literatura, fazem da Crônica uma simbiose entre duas importantes esferas do conhecimento. (TUZINO, 2009: 15)

Outra característica interessante da crônica é seu caráter autoral e subjetivo. Diferentemente de uma notícia ou uma nota, para o leitor importa se foi este ou aquele o autor de determinada crônica. O processo que se dá é quase de um diálogo entre cronista e leitor. Segundo Massaud Moisés, “a impessoalidade é não só desconhecida como rejeitada pelos cronistas: é a sua visão das coisas que lhes importa e ao leitor; a veracidade positiva dos acontecimentos cede lugar à veracidade emotiva com que os cronistas divisam o mundo” (MOISÉS, 1999: 255).

Enquanto texto autoral, a crônica jornalística vem sempre recheada do estilo e, sobretudo, da leitura particular que o autor faz do mundo. É repleta de personalidade, e a opinião é, portanto, um elemento fundamental em sua constituição. Por este motivo, para os teóricos que inserem a crônica no bojo do jornalismo, é dentro do *jornalismo opinativo* que a estudam.

As subdivisões do jornalismo são variadas e diferem de país para país. No Brasil, um dos mais importantes teóricos a tratar do assunto é José Marques de Melo. Em *Jornalismo opinativo: os gêneros no jornalismo brasileiro*, o autor propõe uma classificação que leva em conta a intencionalidade dos relatos jornalísticos: os que querem *reproduzir* o real e os que querem *ler* o real. Assim, “reproduzir o real significa descrevê-lo jornalisticamente a partir de dois parâmetros: o atual e o novo. Ler o real significa identificar o valor do atual e do novo na conjuntura que nutre e transforma os processos jornalísticos” (MELO, 2003: 62).

A partir desta diferença de intenções, Marques de Melo defende que o jornalismo se articula em função de dois núcleos de interesse principais: a informação e a opinião. Dentro destas categorias, que o autor justifica por serem, segundo ele, as mais próximas da práxis jornalística praticada no país, propõe o agrupamento dos gêneros jornalísticos da seguinte forma: nota, notícia, reportagem e entrevista são consideradas *jornalismo informativo*; já editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta são enquadrados no universo do *jornalismo opinativo*.

Parece óbvio pensar que a crônica se insira aí, uma vez que a expressão autoral, seja da instituição, do jornalista ou do público, é uma das marcas deste tipo de jornalismo:

A opinião do editor é expressa pelos editoriais e pela linha do jornal. A opinião do jornalista, isto é, o juízo que manifesta sobre os problemas em foco e a respeito dos quais informa e comenta simultaneamente, em seções ao seu cargo e em matérias por ele firmadas. A opinião do leitor se manifesta nas entrevistas concedidas, em pronunciamentos oficiais de grupos, em cartas que escreve à redação, nas próprias atitudes que são objeto de notícia. (BELTRÃO, 1980: 19)

Embora hoje vivamos a primazia da objetividade, é importante lembrar que o jornalismo sempre foi um meio de expressar opiniões. Censurado, deu cada vez mais margem a uma difusão objetiva, visando à imparcialidade, o que estimulou o jornalismo de informação. Mas, apesar dos ataques, “evidentemente o *jornalismo opinativo* não desaparece” (MELO, 2003: 24). Pois é função intrínseca ao jornalismo não apenas informar e divertir, mas também opinar:

O jornal tem o dever de exercitar a opinião: é ela que valoriza e engrandece a atividade profissional, pois, quando expressa com dignidade e honestidade, com a reta intenção de orientar o leitor, sem tergiversar ou violentar a sacralidade das ocorrências, se torna fator importante na opção da comunidade pelo mais seguro caminho à obtenção do bem-estar e da harmonia do corpo social. (BELTRÃO, 1980: 14)

E se algo consegue mesclar diversão, opinião e informação com maestria, sem esquecer um toque de literariedade, este algo é a crônica.

## 6. METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica deu início aos trabalhos e considerou três eixos principais: os conceitos de jornalismo e literatura, o universo da crônica e o jornalismo opinativo. Ao estudar jornalismo e literatura, busquei convergências e divergências entre os dois e encontrei na crônica uma das mais eficientes intersecções. Através da leitura de várias crônicas e das conceituações e classificações propostas sobre ela, elaborei minha própria ideia acerca do tema, disposta na conclusão deste trabalho.

Para complementar o processo, houve a etapa de produção do livro *O Crônico*. A ideia de escrever um livro de crônicas surgiu da minha necessidade de fazer algo ligado à literatura. Depois de quatro anos e meio de faculdade, vejo que o jornalismo hard news não me atrai. Era preciso, então, encontrar uma saída literária. A que encontrei foi a crônica. Era uma forma mais solitária de trabalhar do que o jornalismo literário, por exemplo, que figurava como outra opção. Eu não queria precisar entrevistar pessoas, contar a história pelos olhos dos outros. Como aspirante a escritora, estou acostumada a contar o que eu mesma vejo e sinto e, assim, encontrei na crônica uma forma de expressão para este trabalho de conclusão de curso.

Após decidir que escreveria um livro de crônicas, minha primeira atitude foi criar o blog “As crônicas de Kássia”. Fiz isso porque era uma forma de socializar minha produção e identificar de imediato a reação do público em relação ao que eu estava escrevendo. Iniciei o blog no dia 13 de setembro de 2011, com o objetivo específico de escrever crônicas para o projeto final. Até o fechamento de “O crônico”, o blog somava 50 postagens, 11 seguidores, 44 comentários e mais de duas mil visualizações de página. Para o livro, foram escolhidas as 33 melhores crônicas, divididas em seis editorias e um suplemento literário.

Para as editorias (cotidiano, cultura, esportes, economia, mundo e política), sempre procurei inspirar-me em fatos lidos no jornal, mas sem abrir mão da ironia, das figuras de linguagem em geral, que enriquecem literariamente o texto. Para a seção “Suplemento literário”, além da questão da linguagem, o próprio tema das crônicas escapou para o lado da literatura. Permiti-me falar de assuntos mais próximos à minha realidade imediata, como meu ódio por formigas e mosquitos, que não necessariamente são de interesse geral.

Meu processo de produção envolvia o ritual de observar o que se passava ao meu redor em busca de algum fato inusitado de relevância coletiva que desse gancho para uma crônica. Algo semelhante ao que faz um repórter em busca da notícia. A atualidade do tema e a presença de algum “valor-notícia” foram uma preocupação minha para que a produção se

aproximasse mais do jornalismo do que da literatura, com exceção, é claro, das crônicas do suplemento literário. Quando não encontrava nada de relevante na minha realidade imediata, procurava em notícias de jornais.

A crônica “Eu passarinho” (Anexo II), por exemplo, nasceu de uma dessas observações cotidianas. Eu estava presa no trânsito e ouvi um passarinho cantando numa das árvores do Centro de Convenções Ulisses Guimarães. Imaginei o bicho lá em cima, vendo o caos de longe, e imaginei como deveria ser bom ter a liberdade de voar para um lugar melhor. Já “Sobre o plágio e as cores do vento” (Anexo III) nasceu da leitura de uma notícia sobre uma acusação de plágio contra o diretor do filme *Avatar*, James Cameron.

Grande parte das minhas crônicas são críticas, senão todas, coisa que o jornalismo nem sempre faz em busca da tão sonhada objetividade. Creio que esta característica reflita o caráter autoral da crônica: dizem que reclamo de tudo, acabei passando isto para o papel. Ao longo do livro, reclamei de barulhos, da presidência do Senado Federal, do fato de o Brasil ser um país monoesportivo, da subcultura que nos empurram goela abaixo. Tinha em mente um leitor comum, mas não estúpido. Alguém que abriria um jornal e leria as notícias sendo capaz de ver, por trás delas, algumas coisas ocultas.

Antes de começar a escrever, eu às vezes lia uma ou duas crônicas de Mario Prata, alguém acostumado ao mesmo tipo de leitor. Aprecio a forma como o humor dele surge de associações inesperadas. Para entender o fazer do cronista, cheguei a conversar com ele e com a cronista de Brasília Conceição Freitas. Ler as crônicas de Prata fazia, de alguma forma, aflorar a minha própria ironia, tornava as possíveis piadas mais claras.

Este processo, no entanto, não surgiu de imediato. No começo, eu não tinha muita certeza do que estava fazendo e, assim, as primeiras crônicas demoravam a sair. Ao longo do tempo, escrevê-las ficou menos complicado e o resultado, mais palatável. Nas últimas crônicas, a ironia fluiu com mais naturalidade, encontrar os assuntos ficou mais fácil, enfim, comecei a “pegar o jeito”.

Para o projeto gráfico de *O Crônico*, usei, além das colunas largas comuns aos livros, as estreitas colunas duplas características do jornal. Foi uma forma gráfica que encontrei para dizer que a crônica pode ser tanto literária quanto jornalística. Este hibridismo se refletia no meu próprio modo de fazer. Quando escrevia, muitas vezes eu me sentia a repórter, a observadora que conta à sociedade o que viu. Ao mesmo tempo, era a escritora, aquela que realça nuances do fato que não interessariam a um simples repórter.

Tanto trabalho depois, posso afirmar que a experiência de escrever este livro enriqueceu minha vida. Primeiro porque finalmente entendi como se dá um processo de

pesquisa, coisa que não tinha ficado clara durante o curso. Depois, porque abriu meus olhos para enxergar o mundo de outra forma, buscando sempre algo que possa ser levado a público de forma diferenciada. Durante o processo, tive a oportunidade de entrar em contato com escritores/jornalistas que admiro, Mario Prata e Conceição Freitas, e conversar sobre os processos criativos deles, o que me deu uma ideia melhor de como um profissional da área trabalha. O melhor mesmo foi a oportunidade de ouvir deles maravilhosas palavras de incentivo.

### 6.1. Etapas da pesquisa

- 6.1.1 Pesquisa bibliográfica: etapa de leitura e posterior agrupamento dos autores conforme os conceitos que defendem, o histórico do gênero e a fronteira entre jornalismo opinativo e literatura;
- 6.1.2 Análise: etapa na qual analisei crônicas publicadas em livros e jornais como forma de encontrar elementos que as conectem ao jornalismo e como fonte de inspiração estilística para a produção do meu livro de crônicas;
- 6.1.3 Produção: etapa de produção e seleção de crônicas para a composição de um volume.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crônica é híbrida. Nem jornalismo puro nem literatura pura, ela transita confortavelmente entre os dois, usando tanto da referencialidade do primeiro quanto da linguagem mais elaborada da segunda. Tentar defini-la pelo suporte, se livro ou jornal, não parece a forma mais adequada de fazê-lo, especialmente na era digital. Hoje, qualquer um publica uma crônica diretamente na internet, em um blog ou numa rede social. E então, se não passa nem por livro nem por jornal, não pode ser chamada de crônica?

Seria mais sensato definir o gênero por suas características principais. A linguagem corrente, a atualidade, a brevidade. Crônicas não podem se estender por páginas e mais páginas, sob pena de perderem sua essência. E se referenciais ou poéticas, o importante é que falem direto ao leitor, seu mais caro amigo.

Durante a produção deste trabalho, fui forçada a olhar com mais atenção para o tal do leitor. Foi um desafio escrever tendo em mente um público mais abrangente do que tenho quando escrevo ficção juvenil, por exemplo. O cronista não escolhe seu público, não sabe se quem vai abrir o jornal do dia é uma senhora aposentada ou um jovem em início de carreira, mas se propõe a prender a atenção de ambos. Não é uma tarefa fácil.

Além de abrir meus olhos para o leitor, realizar este trabalho também me fez prestar mais atenção ao ambiente que me rodeia, o que eu não tinha muito o costume de fazer. Passei a realmente olhar para os acontecimentos a minha volta em busca de algo que pudesse ser contado aos outros, ou seja, procurar crônicas no dia a dia serviu para desenvolver em mim um olhar jornalístico, inquiridor. A partir da necessidade de escrever sobre atualidades, adquiri o hábito de ler os grandes portais de notícias, coisa que antes negligenciava, mesmo sabendo a importância de, enquanto jornalista, manter-me sempre atualizada.

Mas não cresci apenas com o trabalho empírico. Estudar a teoria da crônica, aprofundar-me academicamente no assunto, deu-me a base de conhecimentos sobre o tema de que eu precisava para entender o que estava fazendo. As primeiras crônicas, de quando eu ainda tinha poucas leituras sobre o tema, eram frutos da incerteza. Ao longo do trabalho, fui encontrando minha voz de cronista, identificando-me com este ou aquele autor e descobrindo as possibilidades do gênero, o que seria impossível sem leituras prévias.

Aprendi que, se há algo que se pode dizer sobre a crônica, é que ela seguirá seu próprio curso e estará estritamente ligada a quem a escreve. Uma crônica de Rachel de Queiroz e uma de Mario Prata, por exemplo, são completamente diferentes. Elas deixam

transparecer tão abertamente o olhar do autor que talvez seja a crônica uma das mais autênticas formas de expressão.

Escolher trabalhar com a crônica acabou se mostrando uma ótima opção. Por meio delas, pude desenvolver diferentes habilidades, as quais enriquecerão minha prática profissional, quando eu estiver atuando como jornalista, mas não só. Algumas das aptidões que exercitei ao longo do trabalho serviram como verdadeiras experiências de vida, que me fizeram evoluir não somente como profissional, mas também enquanto ser humano. Foi um exercício árduo, que por várias vezes pareceu interminável, mas que, no fim, mostrou-se recompensador.

Além das leituras prazerosas, afinal, quem não gostaria de ter que ler crônicas, tive a oportunidade de trocar ideias com autores que admiro há muito tempo e de descobrir, por meio do meu blog, que há gente disposta a ler o que escrevo. Por todos estes motivos, posso afirmar com segurança que saio deste trabalho mais madura, não só enquanto cronista ou profissional de jornalismo, mas também enquanto ser humano.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo Opinativo*. Porto Alegre: Sulina-AVI, 1980.

BROCANELLI, Noelma. *A crônica no Correio Paulistano na segunda metade do século XIX*. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Eventos Especiais II: Mesas Temáticas. Rio de Janeiro, 05 a 09 de setembro de 2005.

BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.

CAMPOS, Pedro Celso. *Gêneros do jornalismo e técnicas de entrevista*. 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/campos-pedro-generos-do-jornalismo.pdf>. Acesso em 19 jan 2013.

CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”. In: Carlos Drummond de Andrade ... [et al.]. *Para gostar de ler*. Vol. V, Crônicas, São Paulo, Ática, 1980.

CHALHUB, Samira. *Funções da linguagem* (3ª edição). São Paulo, Ática, 1990.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. 16ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

DIMAS, Antônio. “Ambiguidade da crônica: literatura ou jornalismo?”. In: *Littera*: revista para professores de português e de literaturas de língua portuguesa, ano IV, nº 12. Rio de Janeiro: Grifo, 1974.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. 20ª edição. São Paulo: Cultrix, 1995.

LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. 8ª edição. São Paulo: Ática, 2008.

LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. São Paulo: Com-Art, EDUSP, 1990.

LOPES, Paula Cristina. *Linguagem literária e linguagem jornalística: cumplicidades e distâncias*. Lisboa, 2010. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/bocc-lobes-cumplicidade.pdf>. Acesso em: 12 de janeiro de 2013.

MARQUES, Fabrício. “Jornalismo e literatura: modos de dizer”. In: *Conexão – Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul, v. 8, n. 16, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/124/115>. Acesso em 17 fev 2013.

MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3ª edição. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa*. 4ª edição. São Paulo: Cultrix, 1999.

OLINTO, Antonio. *Jornalismo e literatura*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e Silva. *Teoria da Literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnica de redação: o texto nos meios de informação*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

TAVARES, Hênio. *Teoria literária*. 10ª edição. Rio de Janeiro: Villa Rica, 1991.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são*. 2ª edição. Florianópolis: Insular, 2005.

TUZINO, Yolanda. “Crônica: uma intersecção entre jornalismo e literatura”. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2009. Disponível em: <http://bocc.unisinos.br/pag/tuzino-yolanda-uma-interseccao.pdf>. Acesso em 11 fev de 2013.

## ANEXOS

### Anexo I

*Crônica “Bobagem”<sup>3</sup>, de Luis Fernando Verissimo*

Emocionado e um pouco bêbado, aos cinco minutos do ano novo ele resolveu telefonar para o velho desafeto.

- Alô?
- Alô. Sou eu.
- Eu quem?
- Eu, pô.
- O outro fez silêncio. Depois disse:
- Ah. É você.
- Olha aqui, cara. Eu estou telefonando pra te desejar um feliz ano-novo. Entendeu?
- Obrigado.
- Obrigado, não. Olha aqui. Sei lá, pô...
- Feliz ano-novo pra você também.
- Eu nem me lembro mais por que nós brigamos. Juro que não me lembro.
- Eu também não lembro.
- Então, grande. Como vai Vivinha?
- Bem, bem. Quer dizer, mais ou menos. As enxaquecas...

Ele ficou engasgado. De repente se deu conta de que tinha saudades até das enxaquecas da Vivinha. Como podiam ter passado tantos anos sem se ver? Como tinham deixado uma bobagem afastá-los daquela maneira? As pessoas precisavam se reaproximar. Aquele seria o seu projeto para o fim do milênio. Reaproximar-se das pessoas. Só dar importância ao que aproximava. Puxa! Estava tão enternecido com as enxaquecas da Vivinha que mal podia falar.

- A vida é muito curta. Você está me entendendo? Assim não dá.

Era como se estivesse reclamando com o fornecedor. A vida vinha com a carga muito pequena. Era preciso um botijão maior, senão não dava mesmo. E ainda desperdiçavam vida com bobagem. Ele quis marcar um encontro para ontem. No Lucas, como antigamente. O outro foi mais sensato e contrapropôs hoje, prevendo que ontem seria um dia de ressaca e segundos pensamentos. E tinha razão. Ontem à noite, ele voltou a telefonar. Falou secamente. Pediu desculpas, disse que não poderia ir ao encontro e despediu-se com um formal "Melhoras para a Vivinha". Tinha se lembrado da bobagem que motivara a briga.

---

<sup>3</sup> VERISSIMO, Luis Fernando. *Bobagem*. In: Comédias para se ler na escola. Rio de Janeiro, 2001, Objetiva.

## Anexo II

### Eu passarinho

Se, como alguns afirmam, é na própria Terra que vivemos o céu e o inferno, creio que posso dizer com alguma certeza que o engarrafamento das 18h é uma amostra do reino de Lúcifer. Os carros se arrastam em marchas lentas, seguindo o triste fluxo que mais lembra uma procissão fúnebre. Todos ali estão cansados, estressados depois de um dia inteiro de trabalho. Só querem chegar em casa, tomar um banho e descansar. Mas ninguém alcança o paraíso sem passar por provações, não é?

Quem abre a janela em busca de algum frescor é presenteado com o véu de fumaça negra dos ônibus e caminhões, que nos entope as vias nasais e faz os olhos arderem. Sufocamos no mar de luzinhas vermelhas ao som dos apitos de freios gastos. E o sol bate no rosto, impiedoso, esquentando também o asfalto e transformando tudo numa tremeluzente ilusão de óptica. Quem não juraria que os carros da frente estão se liquefazendo?

Os ônibus, lotados, exibem pelas janelas manchadas de gordura, semblantes desesperançados. Todos são íntimos nos ônibus. Enlatados, os companheiros de viagem trocam toques e encoxadas, esfregam bundas, compartilham sem vergonha todos os odores que acumularam durante o dia. São artistas. Equilibristas, contorcionistas, sempre cabe mais um. A maioria de pé, invejando a sorte dos que subiram um ponto antes. Vendedores de balas gritando, artistas de improviso, pedintes... Não há misericórdia no transporte público.

Mas ali, no meio do caos urbano, que som seria aquele? Era um pio. Um pio não, um canto. Oculto em uma árvore, um passarinho se apiedou dos humanos com vida de gado e cantou. Uma melodia simples, tão simples quanto a felicidade. Mesmo no lugar inóspito, na procissão das almas perdidas, lá estava o mensageiro da calma, com seu canto tranquilo a nos abençoar.

Não sei se alguém além de mim ouviu aquele pequeno solista. Ou, se ouviu, se lhe deu a devida atenção. Só sei que ele estava lá. E cantava, cantava a plenos pulmões, como se dissesse: vocês passarão, eu passarinho.

## Anexo III

### Sobre o plágio e as cores do vento

Acusaram James Cameron de ter plagiado o roteiro de Avatar. Um tal de Eric Ryder afirma que o diretor de Titanic copiou sua história “KRZ 2068”. Se é o caso, não sei, mas ninguém precisava ser um gênio para perceber que Avatar é uma imitação barata. Ou bem cara, para ser mais precisa.

Qualquer criança que viveu os anos 1990 cantando com Disney já havia notado que o filme nada mais é do que a história de Pocahontas. Passada em outro planeta e com pessoas azuis bem altas, mas, ainda assim, apenas Pocahontas. Sim, refiro-me àquela indiazinha que colore com as cores do vento e toma chá de cogumelo, quer dizer, fala com o espírito da avó “encarnado” em uma árvore. Afinal, Avatar é ou não é a história de uma nativa (Pocahontas/Neytiri), contato da tribo com o invasor branco (John Smith/Jake Sully) que veio destruir as terras deles (América/Pandora), mas que acaba se apaixonando pelo galego, ensina a ele o valor da vida (rolando na grama e cantando com as belas vozes da montanha/fazendo sexo pela trança na árvore psicodélica) e o faz mudar de lado?

Pois bem.

Pocahontas. Azul. No espaço. Avatar não passa disso, com uma boa dose de labirintícos efeitos especiais e um 3D supostamente superior que deve ter deixado muita gente tonta. Apesar do enredo batido, dos efeitos nem tão legais assim e das quase três horas de duração, o filme foi um dos mais rentáveis da história do cinema, se não o mais, de forma que deve ter seus méritos. Um deles eu reconheço sem hesitação: gastar 500 milhões de dólares para fazer o que um desenho 2D da década de 1990 já tinha feito não é para qualquer um.

## Anexo IV

### Orçamento

Os gastos com a produção do livro *O Crônico* somaram RS 232,30. Foram impressos cinco exemplares de 90 páginas (incluindo a capa), miolo colorido em papel offset 90g/m<sup>2</sup> e capa em couché fosco 230g/m<sup>2</sup>, acabamento brochura.

Foram gastos, ainda, cerca de R\$ 25 em fotocópias de textos para a bibliografia.